

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **O EXISTIR DRAG NO CIBERESPAÇO: UMA REFLEXÃO SOBRE A ARTE DRAG**

### **THE EXISTENCE OF DRAG IN CYBERSPACE: A REFLECTION ON DRAG ART**

Allyster Allan Lima Fagundes – UFPA  
Prof. Dr. Orlando Maneschy – PPGArtes UFPA (orientador)

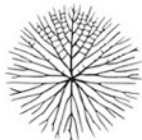
#### **RESUMO**

Este artigo tem como finalidade levantar uma reflexão teórica e subjetiva de como se dá a existência do eu drag (persona drag), as similaridades diante dos conceitos de identidade de gênero e funcionalidade de gênero apresentados por Jaqueline Gomes de Jesus, e o fazer artístico dentro das drags do espaço virtual, especificando quais as ferramentas e estratégias utilizadas para construir e projetar a autoimagem performatizada no espaço virtual. A discussão teórica envolve a formação da personalidade drag correlacionando com psicologia analítica de Jung e busca compreender o fenômeno da arte drag a partir dos conceitos de “artifício”, “artefato” e “artimanha” explorado por Vilém Flusser durante a 18ª Bienal de São Paulo.

**Palavras-chave:** arte, persona, drag, ciberespaço.

#### **ABSTRACT**

This article aims to raise a theoretical and subjective reflection of how the drag self (persona drag) exists, the similarities in the face of the concepts of gender identity and gender functionality presented by Jaqueline Gomes de Jesus, and the artistic making within drags from the virtual space, specifying the tools and strategies used to build and project the self-image performed in the virtual



space. The theoretical discussion involves the formation of the drag personality correlating with Jung's analytical psychology and seeks to understand the phenomenon of drag art from the concepts of “artifice”, “artefact” and “trickery” explored by Vilém Flusser during the 18th São Paulo Biennial.

**Key words:** art, persona, drag, cyberspace.

Neste artigo vou discutir o processo artístico que envolve a arte drag e suas relações políticas e subjetivas no processo de exposição desse trabalho no ciberespaço, busco também desenvolver características da construção de subjetividade e arte performática que permeia no processo desses indivíduos.

Ser ou estar drag e se perceber desta maneira é um processo subjetivo e intransponível, nasce de uma vontade pessoal e reflete na exposição dessa essência ao social, mediante uma necessidade artística e/ou a uma construção estético política e performática que busca questionar determinados valores impostos pela sociedade. Ao longo desse processo, o indivíduo cria características únicas ao revelar facetas que se constroem a partir de suas referências, influencias, particularidades e visão de mundo.

O desejo detém papel de destaque na constituição do sujeito. Ele está imbricado nos processos de subjetivação, que tanto se articulam nos agenciamentos coletivos quanto individuais e que vai sendo permeado, bem como atravessa camadas da cultura. [...] Neste fluxo, pot, ncias extremamente férteis se desenvolvem através de estratégias que, ora aqui e ali, conseguem burlar os sistemas estabelecidos e referendados pela norma, passando a articular pelas bordas da cultura dominante. (MANESCHY, 2004, p.328).

Pontuo aqui, que busco neste artigo utilizar o termo drag sem o acompanhamento da palavra “queen”, por se entender que a drag é uma construção que vai além do “queen”, tal fato pode ser evidenciado pela necessidade de criação de outros termos que acompanham o drag como drag king, drag queer e a própria drag themonha, termo criado na nossa região.



A cartilha Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos, desenvolvida pela estudiosa Jaqueline Gomes de Jesus, é uma forma prática de entendermos primeiramente alguns termos que irão facilitar a compreensão do texto e entender melhor a existência do eu drag. Ela apresenta dois conceitos: identidade de gênero e funcionalidade de gênero, segundo tal estudo, a identidade de gênero diz respeito ao gênero que o indivíduo se identifica na sociedade, a exemplo disso podemos citar as pessoas transexuais, já a funcionalidade de gênero diz respeito ao gênero que é performatizado, nestes se enquadram drag queen, drag king, drag queer e transformista.

A drag queen é a performatização do gênero feminino, drag king a performatização do gênero masculino, drag queer a performatização de uma ausência de gênero e a transformista é uma nomenclatura que se equivale a drag queen, no entanto era muito usada quando o termo drag queen, que deriva do inglês, não era reconhecido (usado) no Brasil.

Para além das classificações feitas pela cartilha de Jaqueline Gomes de Jesus se torna importante pontuar que na região amazônica, mais especificamente na capital paraense, existe a drag themonha termo mutável que tem diversos significados que vão da desconstrução e despadroneização de uma autoimagem do drag até o sentimento de pertencimento a determinado grupo ou meio que se identificam desta maneira

É relevante também para a compreensão do processo de criação desse estudo, que a partir das vivências elaboradas por mim ao longo das minhas pesquisas, eu início a minha vida artística dentro da arte drag e tal fato irá facilitar o entendimento sobre o tema.

Minha primeira montagem foi realizada para defender o meu TCC, anteriormente a isso minhas experiências artísticas em relação a construção estética de um outro “eu” vinham das vivências de personagens, ainda no teatro, ao qual iniciei em 2011 no projeto de extensão da Escola de Teatro e



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

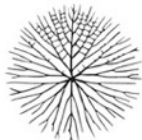
Dança da Universidade Federal do Pará, chamado Grupo Teatral Universitário – GTU.

Ao longo da pesquisa foi fácil perceber uma tendência inevitável de tentar entender a drag queen como um personagem, isso se deve as vivências que tive no teatro e a própria característica de particularidades na construção da persona drag. Uma percepção que de fato não é entendido somente por mim, mas por uma gama de outras pessoas que pude ouvir em relatos sobre o a criação de um personagem ao iniciar a sua construção do eu drag.

Eleonora Fabião define esse processo performativo com precisão ao afirmar que as performances nada são senão uma composição de atos que enfatizam a politicidade do corpo mediante seu mundo e suas relações, e que “o próprio corpo performático não para de performar em cena e não cena, é justamente na vibração paradoxal que se cria e se fortalece “ (FABIÃO, 2013)

E assim com descrito acima, já tendo o entendimento de ator e hoje fazendo drag ,consigo perceber que essas duas vertentes artísticas me tocam e ecoam através do meu corpo de maneiras particulares, principalmente por entender que esse fazer artístico não está ligada diretamente ao teatro- pois, mesmo o ator dispondo de mecanismos como a memória emotiva que é trazer à tona sentimentos verdadeiros ou orgânicos para a atuação, tais sentimentos e como expressa-lo serão direcionados pela dramaturgia ou pelo diretor de modo a moldar o sujeito. O processo experienciado na pratica drag envolve as questões mais performáticas mediante a construção de uma existência da drag enquanto sujeito.

A exemplo, ser ou estar drag é compreendido por mim como uma de minhas mascaras sociais, que segundo a psicologia analítica de Carl Gustav Jung é definido pelo conceito de persona, arquétipo que conjuntamente com outros formam a nossa personalidade, e estão ligadas à nossa existência psíquica, mas especificamente ao nosso inconsciente coletivo, como podemos ver na citação abaixo.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

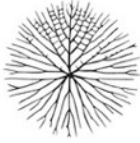
Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença *de conteúdos capazes de serem conscientizados*. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos*. (JUNG, 2000, p16)

A primeira experiência de montagem que tive tem uma conotação crucial para que compreendesse amplamente o papel subjetivo de como essa arte se coloca. Fui capaz de perceber que sempre estive condicionado socialmente a esconder ou reprimir minha feminilidade e tal ato passou a ser uma forma de se colocar no mundo sem restrições e repressões sociais. Ser drag atualmente é visto por mim como um processo de autoconhecimento e entendimento sobre mim mesmo.

Carl Gustav Jung ao longo dos seus estudos fundamentou o arquétipo da sombra como um espaço onde características que fazem parte da personalidade do indivíduo que não são bem aceitas pela sociedade acabam sendo retraídas ou escondidas, para um lugar de fundamental importância que me permite existir; ao meu ver a persona drag ou o eu drag tomou esse espaço. O que era reprimido acabou se tornando uma força que hoje me motiva e reverbera

De forma simples a persona drag ou o eu drag pode ser definir como um eu alterado em um espaço extravagante ao qual exploro minha feminilidade. Assim como um clown que se permite vivenciar o eu alterado em um espaço ridículo.

O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro. um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem em cima, nem embaixo, sem um aqui ou



um lá, sem meu nem teu, sem bem, nem mal. (JUNG, 2000, p. 31 - 32).

Adiante das minhas experiências e estudos sobre o processo artístico de ser ou estar drag e com a chegada do século XXI e suas tecnologias, sê vê que o ato ou cena drag não se limita apenas ao momento em que o indivíduo performatiza o gênero de modo objetivo. O mundo digital possibilitou outras formas de expressões artísticas para esse grupo, de modo a existir como drag no espaço virtual.

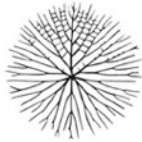
Segundo o autor Pierre Levy em sua obra intitulada Cibercultura, o ciberespaço é definido como um espaço virtual de comunicação digital cheio de informações que o mesmo abriga, como ilustra a citação abaixo:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 2000)

Existir como drag no ciberespaço pode tomar várias formas e representações. Para mim, houve uma conotação de poder ampliar para além de aspectos de territorialidade o meu mundo artístico e a minha visão de expressar o processo de arte que envolver performar.

No entanto, a decisão de utilizar desse meio para me expressar me levou a algumas decisões, entre elas a de não afastar ou separar o meu eu drag do meu eu pessoal (eu central) na rede. Principalmente por compreender que não há como conceber a arte drag a distante do meu eu.

Constituir esse outro eu, essa persona para a performance demanda o emprego de diversos dispositivos para a construção e o existir como drag. Há um corpo que se imanta ali, um corpo que vira duplo na mídia, nas



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

performances dirigidas para a imagem e o vídeo. Uma metafísica se estabelece nesse re-corpo que se manifesta no encontro com este outro existir. Recorpora-se e vira signo.

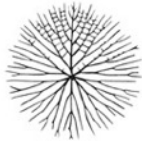
Para o psicanalista e professor Juan Guillermo Droguett, a representação só se deixa apreender pela percepção que deixa antever o inconsciente mediados pelos traços e aparências perceptíveis da realidade do corpo.

O corpo é signo de uma mediação entre o mundo objetivo e o subjetivo. O corpo é feito de uma mistura impossível de realidade e irrealidade. [...] Os espaços psíquicos e corporais são indissociáveis. [...] Esse encontro marcado pela subjetividade é frágil, voluntário e incerto, mas é a única evidência de que existe vida. (DROGUETT, 2001, p.33).

Mas e quando a “realidade” do corpo é mediado no corpo-imagem drag existindo nas redes? O Instagram é a rede social que mais uso, por me identificar com a narrativa e disposição dos elementos, a forma de comunicação, e, em particular, de como as artes podem ter uma linguagem própria. Em tal meio busco construir narrativas fotográficas que misturam o eu central com o eu drag. Os dois passam a existir no mesmo espaço e com o mesmo nome e são apresentados para o mesmo público.

Dentro desse ambiente virtual, crio de forma harmônica e agradável a partir da exposição de fotografias e vídeos uma certa demonstração de narrativas. Tal técnica (artifício) melhora meu estreitamento entre eu e minha persona drag, além de contribuir visualmente para quem visita o endereço eletrônico.





IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA



# Instagram

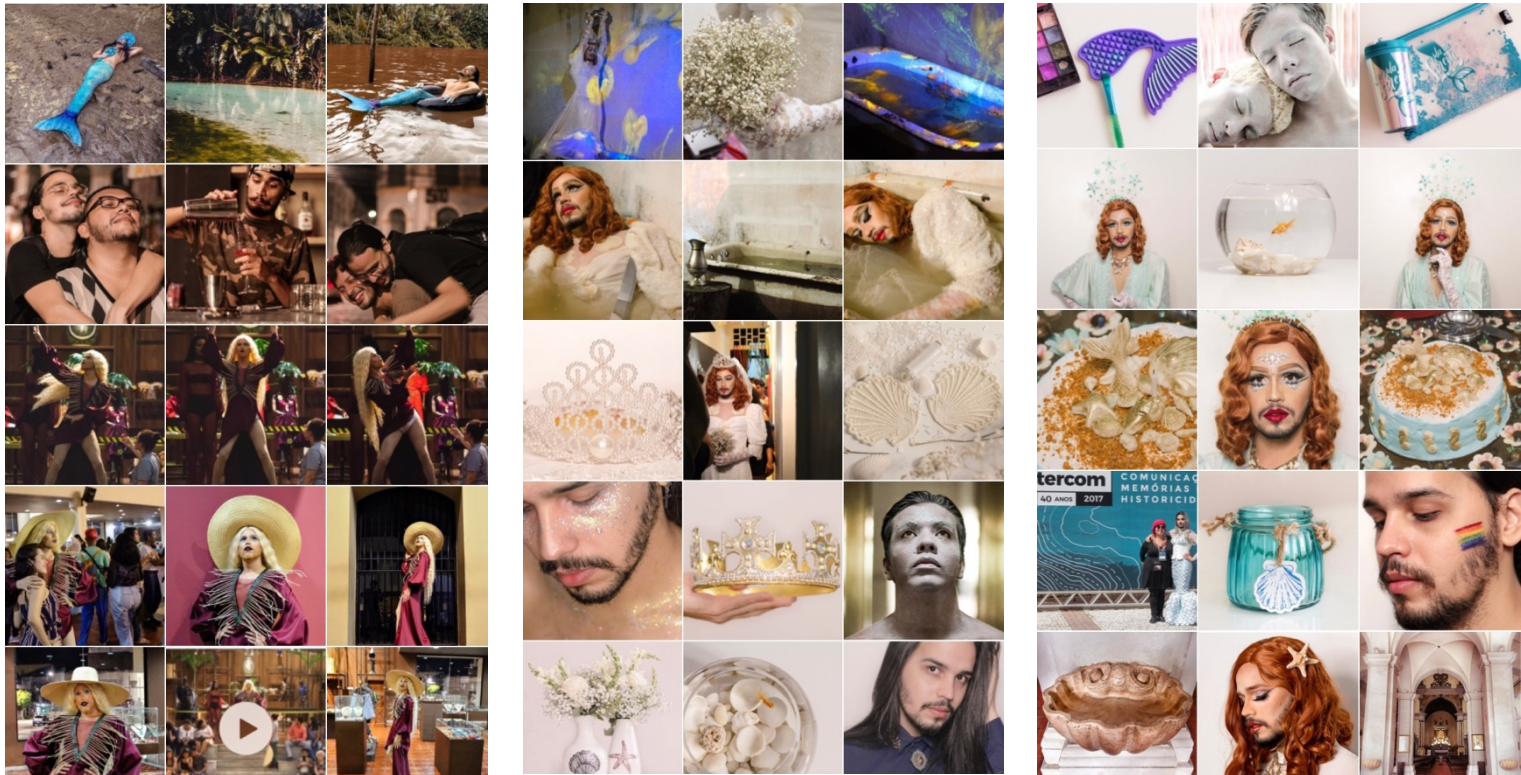
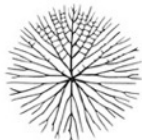


Figura 1: Instagram @allyster.fagundes. FAGUNDES, Allyster. Ano: 218 - 2019.

Flusser em suas palestras durante a 18ª Bienal de S. Paulo, se dedica a discorrer sobre os termos artifício, artefato e artimanha. Ao qual definiu “artifício” como “fazer deliberado”. “artefato” como “feito deliberado”. E artimanha sinônimo de “dolo, ardil, fraudulento”, porém toma a sério o sufixo “manha” e define “artimanha” como “artifício manhoso”, ou “fazer deliberadamente manhoso”.

Ao discorrer sobre essa terminologia, posso fazer um paralelo a construção da própria drag queen, que se utiliza de diversos artifícios como perucas, maquiagens, encheimentos entre outros para dar forma a criação estética imaginada pelo indivíduo.





Com o objetivo de ilustrar melhor o conceito, deixo a seguir tal pensamento discorrido pelo autor como forma de citação:

“Artifício” é o jeito pelo qual homens fazem. É isso que distingue o homem de provavelmente todos os demais bichos. Por exemplo da aranha. Ao tecer sua teia, a aranha segue método que não se modificou no decorrer dos últimos milhões de anos. Segue ela método geneticamente determinado. Quanto a nós, nossos métodos mudam. São técnicas. Fazer no nosso caso, é agir sobre o mundo objetivo para alterá-lo. Ir contra o mundo, ser sujeito dos objetos. Pois os objetos resistem. Obrigam-nos a procurar sempre novos caminhos, (meta-odós= seguir caminho), mundo adentro. A nossa técnica não é determinada geneticamente, mas o é pela resistência que o mundo objetivo nos oferece. Somos bichos artifices, homines fabri. Bichos a mudar de técnica, a fazer artificios. (FLUSSER, 2000, p. 1)

Artefato é um importante conceito apresentado por Flusser, aqui se busca identificar e classificar o mesmo como toda construção artística que está em construção no ciberespaço. Esse termo é apresentado pelo autor da seguinte forma como mostra a citação abaixo:

“artefato” não mais significa “obra”, e passa a significar “estratégia de jogo”. “A vida enquanto artefato” não significa, pois, “objetos animados artificiais”, mas significa “vida deliberadamente jogata”. (FLUSSER, 2000)

Já a “Artimanha” segundo o autor é justamente uma estratégia humana, não necessariamente um caminho “fraudulento” para se chegar a um lugar ou conseguir algo. Utilizo esse termo aqui afim de melhor explicar a existência do eu drag no ciberespaço, sendo utilizada como uma forma para ampliar meu alcance a outras pessoas no espaço virtual, além do território amazônico o qual existo enquanto drag.

Segundo Flusser o homem sempre busca artificios para se modificar e dar sentido a sua vida, seja pela arte ou qualquer outro meio, como ele mesmo relata em sua palestra O Homem Enquanto Artifício: “Ser homem, (artífice), é alterar os objetos com técnicas sempre outras, afim de alterar-se a si próprio”.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Assim como acontece no decorrer da relação que se constrói enquanto indivíduo com a arte drag. A utilização de técnicas para alterar minha autoimagem contribui para um processo que acaba por alterar a mim próprio e me fazer ter um sentido na vida. Relação essa bem mais presente no ciberespaço, uma vez que utilizo cada vez mais de artimanhas ou estratégias importantes para se chegar a um lugar ou conseguir algo e por entender que tal existência é um registro de toda uma construção artística que está sendo instaurada nesse novo momento, além de contribuir para romper as fronteiras do seu próprio lugar de pertencimento e dialogar com outras pessoas de outros lugares que se permitem existir em um espaço virtual. O mundo evolui e a arte se adapta aos novos meios e a novas formas de existir.

Por fim, podemos identificar que o processo de ampliação no ciberespaço que promove que a arte drag seja divulgada pode ser uma ferramenta eficiente de democratização de um fazer artístico que tanto foi rechaçado socialmente, podemos propor novas formas do fazer artístico e de se colocar no mundo, uma nova forma de promover debates e discussões sobre gênero, machismos, racismo, homofobia e a própria marginalização e desvalorização da drag enquanto arte.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

BELMIRO, Daniele. **Reality show americano inspira nova geração de drag queens no Brasil**. BBC Brasil. Disponível em: <

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160202\\_drag\\_queens\\_db\\_ab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160202_drag_queens_db_ab)  
> Acesso em 29 junho de 2019.

CHIDIAC, Maria; OLTRAMARI, Leandro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. Estudos de Psicologia. Universidade Sul de Santa Catarina, Santa Catarina 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>> Acesso em: 16 de julho de 2019.

COLLING, Leandro. **Teoria Queer**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B2a3UynNKV2CNjFwOE1td3VENUU/edit>> Acesso em 28 de junho de 2019.

DROGUETT, Juan Guillermo. Corpo e representação. In: LYRA, Bernadette, GARCIA, Wilton (orgs). **Corpo e Cultura**. São Paulo: Xamã : ECA-USP, 2001.

FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: O corpo-em-experiência**. **Revista do Lume, 2013**.

FLUSSER, Vilém. **18º Bienal de São Paulo. Artifício, artefato, artimanha**. (Documento datilografado). Disponível em: [http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/wp-content/uploads/2016/11/flusser-artif%23U00edcio-artefato-artimanha\\_new.pdf](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/wp-content/uploads/2016/11/flusser-artif%23U00edcio-artefato-artimanha_new.pdf). Acesso em: 18 de julho de 2019.

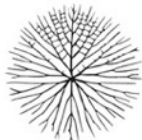
GADELHA, José Juliano Barbosa. **Performance drag queen e devir artista**. XXVII Reunião Brasileira de Antropologia, Belém, 2010. Disponível em <[http://abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_27\\_RBA/arquivos/grupos\\_trabalho/gt15/jjbg.pdf](http://abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_27_RBA/arquivos/grupos_trabalho/gt15/jjbg.pdf)> Acesso em 15 de junho, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** Brasília, 2012. Disponível em: <[https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta\\_\\_es\\_popula\\_\\_o\\_trans](https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans)> acesso em 16 de julho, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. [tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANESCHY, Orlando. Imagens incorporadas – identidade, corpo e imagem. In: LOPES, Denilson [et al.]. **Imagem e Diversidade Sexual – Estudos da Homocultura**. São Paulo: Nojosa edições, 2004



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**